



## **Cadeias Globais de Valor e a Manutenção da Lógica Centro-Periferia**

Daniela Mourão Ribeiro

Universidade de Brasília - UnB  
Instituto de Relações Internacionais  
Professor Orientador: Eiiti Sato  
Maio 2022

## **Agradecimentos**

Agradeço, acima de tudo, os meus pais, Nélia e Gonçalo, por sempre terem acreditado que esse momento seria possível. A luta que ambos tiveram que enfrentar para proporcionar a minha formação acadêmica e a da minha irmã me inspira e me motiva a ser uma pessoa melhor a cada dia. Por isso, muito obrigada, pai e mãe, vocês são o meu bem mais precioso, e por quem eu tenho o amor mais verdadeira e incondicional.

Agradeço imensamente a minha irmã, o meu primeiro exemplo, quem sempre me inspirou. Sempre achei a Gabriela um ser humano muito especial, muito inteligente e autêntica. Hoje, eu sou grata por termos uma relação cada vez mais próxima, unida e verdadeira.

Obrigada, tia Amélia, tio Adilson, Natália e Iago, por terem me inserido na vida de vocês, por terem me acolhido tão bem em sua casa durante um ano inteirinho, me fazendo compreender a importância da família. O suporte de vocês, em 2014, e por todos os outros anos, ontem e hoje, foi fundamental para que eu pudesse ser quem sou. Obrigada tia Osrane e Karolina, por me motivarem, por acreditarem em mim, por estarem sempre dispostas e presentes na minha vida de todas as maneiras possíveis. Enfim, eu sou privilegiada por ter a família que tenho e, a ela, eu devo muito.

Aos meus queridos amigos que, assim como eu, também passaram pela dor e a delícia de estar na faculdade, o meu muito obrigada. Sem vocês eu já teria desistido, várias vezes. Devo muitos dos meus agradecimentos à vocês, a família que a UnB me proporcionou ter, são eles: Ana Beatriz, Ana Luísa Vitali, Celso Coelho, Eduarda Dias, Jales Caur, João Estevão, Letícia Mamedes, Maria Eduarda Dias, Maria Mariana, Marina Nobre e Vincent Brandolt.

Devo muito da minha força e coragem às minhas amigas e parceiras de empresa júnior, as pessoas que mais me deram forças nos dois últimos anos de graduação. Meninas, Bárbara Galache, Camila Murrieta, Raquel Dib e Mayrla Moraes, muito obrigada.

Minha gratidão à quem esteve mesmo de longe, esteve perto de mim durante essa caminhada, ao meu amigo Gabriel Adonis e Carolina Souza, obrigada por sempre afirmarem com muita certeza que o futuro é bom, e que a vida é feita de fases. Também devo agradecer aos meus amigos e colegas estagiários, Alice Aurora, Denise Batista e Gabriel Melo, muito obrigada pelo apoio de sempre, jamais esquecerei do apoio de vocês durante essa jornada.

Por fim, agradeço ao meu professor, mestre e orientador, Eiiti Sato. Muito obrigada, professor, por se fazer tão presente durante a escrita deste artigo. Sou muito grata pela consideração que teve comigo, logo nas primeiras trocas de emails, nos meus momentos de indecisão e, finalmente, na conclusão de mais uma etapa de vida.

## **Resumo**

Cadeias Globais de Valor (CGV) é um conceito derivado do esquema de agregação de valor às mercadorias, O nome do conceito é derivado da área de estudos administrativos, a partir do termo cadeia de valor, referente a fragmentação dos processos, em associação aos conceitos econômicos. Este conceito ganhou reforço e maior complexidade, sendo, atualmente, utilizado para se referir ao fenômeno fruto da globalização e da revolução tecno-científica, que geraram a necessidade de se compartilhar a produção dos bens a nível internacional. Assim, as CGVs são compreendidas como um esquema dedicado a aumentar o preço de um bem com base nas etapas de sua produção, as quais, normalmente, se dividem entre diferentes firmas.

Essa mudança na estrutura da economia mundial, no entanto, não gerou uma transformação significativa nas bases do comércio internacional, o qual se estrutura sob uma lógica dependente, preservando a lógica centro-periferia, desde o período colonial. Contrariamente, em função dos diferentes níveis de desenvolvimento dos países, adicionados a realidade de dependência, por parte dos países em desenvolvimento, o esquema de especialização e fragmentação da cadeia produtiva internacionalmente reforça essa realidade e aprofunda ainda mais a clivagem imposta pela divisão internacional do trabalho.

**Palavras-chave:** cadeias, global, valor, fragmentação, centro, periferia, globalização.

## **Abstract**

Global Value Chains (GVC) is a concept derived from the scheme of adding value to goods. The name of the concept is derived from the area of administrative studies, from the term value chain, referring to the fragmentation of processes, in association with the concept of economics. This concept gained strength and greater complexity and is currently used to refer to the phenomenon resulting from globalization and the techno-scientific revolution, which generated the need to share the production of goods at an international level. Thus, GVCs are understood as a scheme dedicated to increasing the price of a good based on the stages of its production, which are normally divided between different firms.

This change in the structure of the world economy, however, did not generate a significant transformation in the bases of international trade, which is structured under a dependent logic,

preserving the center-periphery logic, since the colonial period. On the contrary, due to the different levels of development of countries, in addition to the reality of dependence on the part of developing countries, the specialization and fragmentation scheme of the production chain internationally reinforces this reality and further deepens the cleavage imposed by the international division of labor.

**Keywords:** chains, global, value, fragmentation, center, periphery, globalization.

*“No matter how cold the winter, there’s a springtime ahead”*

*Eddie Vedder, 2002*

## Sumário

<b>Capítulo 1 - Introdução</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 2- O conceito de Cadeias Globais de Valor</b>	<b>10</b>
2.1 - Introdução	10
2.2 - O surgimento do termo “ Cadeias Globais de Valor”	10
2.3- O que é uma Cadeia de Valor?	12
2.4 - A diferença entre Cadeia de Valor e Cadeia de Suprimentos ou Supply Chain	14
<b>Capítulo 3 - Como são estruturadas as Cadeias de Valor a nível Global</b>	<b>15</b>
3.1 - introdução	15
3.2 - A Curva de Valor Adicionado ou Curva Sorridente	15
<b>Capítulo 4 - Relação entre a Divisão Internacional do Trabalho e as Cadeias Globais de Valor</b>	<b>18</b>
4.1 - Introdução	18
4.2 - O Conceito de Divisão Internacional do Trabalho	18
4.3 - As Transformações da Divisão Internacional do Trabalho ao longo dos séculos	19
4.4 - O Impacto da Liberalização Comercial no Desenvolvimento das CGVs	21
<b>Capítulo 5 - Argumentação Teórica</b>	<b>23</b>
5.1 - Introdução	23
5.2 - Argumentação	23
<b>Capítulo 6 - Conclusão</b>	<b>25</b>

## Capítulo 1 - Introdução

O comércio internacional pode ser compreendido como um ambiente de trocas que reflete os fenômenos históricos, sociais, políticos e econômicos do sistema internacional. Por essa razão, as interações e a lógica do comércio exterior estão em constante mutação. Assim, de acordo com a obra de Polanyi, “A Grande Transformação”, desde as sociedades primitivas, que o comércio vem se estruturando para dar origem ao que, hoje, se concebe como o mercado mundial.

No que tange, portanto, às sociedades primitivas, Polanyi explica que, embora não possuíssem foco na obtenção de lucro, e demais motivações financeiras, estes povos já estabeleciam trocas comerciais entre si, mediante a necessidade que se apresentava à vida nas comunidades. Essa realidade foi modificada, à medida que a lógica capitalista passou a orientar o esquema de organização das sociedades e, conseqüentemente, moldar e encabeçar o ritmo e os rumos dos mercados.

Nesse sentido, pensar a evolução do comércio internacional e da economia mundial é também pensar sobre as transformações na lógica da organização da sociedade e os impactos dos fenômenos de outras esferas sobre o ambiente internacional. Assim, um dos grandes marcos que impulsionou a evolução e a modificação de paradigma da estrutura econômica internacional é a expansão marítima europeia, que resultou no processo de colonização das Américas. Visto que, a partir deste momento, a lógica do comércio internacional sofreu uma importante reestruturação, dando início a Divisão Internacional do Trabalho (DIT) e ao processo de especialização das economias.

A estrutura produtiva global, então, desde o século XV-XVI, já havia dado início a uma organização de comércio que se especializa cada vez mais, motivada por diferentes razões, mas em especial pelas políticas industriais de cada nação e as oportunidades disponíveis a elas. Além disso, esse cenário se desenvolvia como favorável, conforme a localização da economia dentro da DIT, ou seja, qual trabalho era promovido e, em qual etapa do processo produtivo o país se inseria.

Essa lógica de especialização e divisão do trabalho sofreu sua primeira modificação considerável com a Revolução Industrial no século XVIII. A partir dela, as relações feudais foram finalmente finalizadas, garantindo o estabelecimento e consolidação da produção manufatureira na Europa, e a especialização ao comércio de bens primários por parte de suas colônias.



Outro grande marco que interferiu de maneira estrutural no comércio internacional foi a globalização. A interação cada vez mais intensa entre os países, a facilidade de comunicação, a aceleração do transporte e o encurtamento das distâncias, foram cruciais para que a economia mundial estabelecesse uma nova configuração. A partir da intensificação dos efeitos da globalização, as relações internacionais tornaram-se cada vez mais interdependentes e complexas. Similarmente o esquema de produção mundial sofreu com tal influência, modificando as características da DIT.

Diante disso, as cadeias produtivas passaram a se fragmentar geograficamente entre os países, sendo essa uma resposta às condições políticas e econômicas que se apresentavam, graças à globalização e às inovações científicas, além da influência das políticas comerciais de cunho liberal. É nesse contexto que, no século XXI, o comércio internacional foi redesenhado, passando a se estruturar sob uma lógica fracionada, na qual as etapas produtivas das mercadorias passaram a ser compartilhadas, dividindo os processos entre diferentes países. A este fenômeno, deu-se o nome, Cadeias Globais de Valor.

As cadeias globais de valor ou CGVs, é um conceito relativamente novo, mas que expressa um processo cada vez mais intenso. Uma das motivações para as indústrias de bens e serviços dispersarem suas etapas globalmente é busca por melhores vantagens comparativas, objetivando o estabelecimento dos parques industriais em países com um bom ambiente de negócios que favoreçam maiores lucros, bem como a possibilidade de agregação de valor às mercadorias finais.

Conforme mencionado o comércio internacional sobre influência dos fenômenos mundiais, porém, as alterações na forma que as trocas comerciais são estabelecidas também estabelecem efeitos internos aos países, em termos políticos, sociais e econômicos. Assim, este artigo busca compreender, se ao longo da evolução do comércio internacional, a lógica estabelecida desde o período colonial entre metrópole e colônia, evoluindo mais tarde para a dependência entre países da periferia e os do eixo norte, sofreram alterações. Nesse sentido, o esforço desta tese será responder a pergunta: “As cadeias globais de valor reforçam a dependência dos países em desenvolvimento, contribuindo para a manutenção da lógica centro-periferia?”.

Para tanto, será elaborado um trabalho que se divide em etapas, sendo a primeira, um exercício de conceituação e evolução do termo CGV, em seguida será elaborado um paralelo entre a DIT e às cadeias globais de valor, como forma de compreender em que momento da história a fragmentação da produção global interfere na divisão internacional do trabalho. Por

fim, o artigo contará com a problematização da temática, buscando responder ao questionamento.

## **Capítulo 2- O conceito de Cadeias Globais de Valor**

### **2.1 - Introdução**

Este capítulo tem como objetivo desenvolver a lógica aplicada ao conceito de Cadeias Globais de Valor, com o intuito de fornecer os insumos necessários para o desenvolvimento da argumentação teórica acerca do tema. Para tanto, a explicação será empenhada em explicar, de forma completa, todas as componentes do conceito - cadeias, globais de valor - e o sentido que sua aplicação possui, quando se referem ao comércio internacional. Ademais, como forma de apresentar uma visão ampla e completa da estrutura global de produção, será apresentado um breve apanhado histórico e bibliográfico acerca do desenvolvimento histórico do conceito - afinal, estes pontos serão abordados de maneira específica nos capítulos sequenciais -, evidenciando os fatores que influenciaram o surgimento e a evolução de um conhecimento acerca deste termo. Assim, será possível progredir, rumo a um aprofundamento de argumentação, elaborando problemáticas e discutindo os benefícios e malefícios deste esquema que reflete boa parte das relações de comércio global atualmente.

### **2.2 - O surgimento do termo “ Cadeias Globais de Valor”**

O conceito de Cadeias Globais de Valor surgiu como forma de se referir a um processo de mudança no sistema global de comércio, impulsionado pela intensificação da globalização em associação com os efeitos da revolução tecnológica, facilitação da comunicação, barateamento do transporte, entre outros (MACEDO, 2019). Nesse sentido, compreende-se que as mudanças na conjuntura das relações comerciais internacionais foram consideráveis, a ponto de gerar a necessidade da criação de um termo, capaz de aglutinar e representar as engrenagens do que vem se desenrolando em termos de produção e geração de valor no mercado mundial. Esse termo faz referência, portanto, a todas as etapas do processo produtivo, desde a concepção do projeto, a matéria prima necessária à confecção, a fase industrial, o desenvolvimento de campanhas de *marketing*, até, finalmente, a venda final da mercadoria (OLIVEIRA, 2014).

Diante disso, de maneira direta, e conforme consta na bibliografia referente às áreas do conhecimento administrativo e econômico, o termo Cadeias Globais de Valor, refere-se ao

esquema de produção global que opera, fragmentando os estágios produtivos dos componentes de um bem entre diferentes indústrias, presentes em diversos países (ZHANG; SCHIMANSK, 2014). Assim, compreende-se que um dos pontos primordiais que o termo busca referenciar, diz respeito ao fato da cadeia produtiva ser global e compartilhada (MACEDO, 2019).

Com base no comentado acima, a base teórica e o conhecimento acadêmico que se desenvolve a respeito deste termo são relativamente novos. Este fato é motivado pela característica da organização da produção se configurar como um fenômeno que recebeu maior ênfase a partir dos eventos que se desenrolaram no final do século XX e no início do século XXI (MACEDO, 2019). Além disso, tem-se que, a maioria da produção de conhecimento concentra-se em compreender como as CGVs operam sob uma lógica microeconômica.

Ou seja, as teses desenvolvidas, na maioria dos casos, utilizam como objeto de análise o contexto das firmas e indústrias que se dispersam geograficamente os seus pólos produtivos, tentando entender as causas e os efeitos da fragmentação produtiva ao ambiente dos negócios, não se debruçando com grande ênfase aos efeitos nas esferas macroeconômicas. No entanto, isso não implica dizer que, não há produção acadêmica referente ao âmbito macro da economia, ao longo deste artigo será possível identificar trabalhos importantes que vêm se desenvolvendo nesse campo de análise.

No tange, portanto, o termo Cadeias Globais de Valor e as explicações que esse termo busca apresentar, é possível identificar, segundo Oliveira (2014), majoritariamente, três linhas de pesquisas que dão maior ênfase a este recorte de estudo. Por um lado, os estudiosos se dedicam a compreender a lógica empregada pelas empresas transnacionais que se dispersam a nível global, buscando compreender o impacto deste movimento no crescimento internacional da produção especializada.

É possível citar alguns pesquisadores que atuam neste campo do conhecimento, como é o caso de Antras e Helpamn (2004), ambos elaboraram uma análise acerca da cadeia global de valor de bens, apontando a dinâmica do comércio internacional entre o Norte e o Sul global, evidenciando a diferença da produtividade em cada localidade. O trabalho desenvolvido por Antares e Helpman, embora tenha uma foco microeconômico, possui uma orientação voltada à esfera econômica e política, dedicando, assim, a problematizar a dinâmica do comércio internacional a partir das CGVs.

Dando sequência, há estudiosos empenhados em apresentar uma lente ainda mais específica do âmbito microeconômico. Trata-se dos estudos focados à compreensão da

hierarquia e da governança e a logística dentro das corporações. Ou seja, buscam compreender como é feito o gerenciamento da produção das empresas transnacionais. Contém, portanto, um viés com traços teóricos da área administrativa e corporativa. Similarmente, ao tópico anterior, aqui também é possível citar Antras (2003) e Helpmann (2008) como expoentes desse conhecimento. No entanto, há outros estudiosos que contribuíram para essa área, como Gereffi, Humprey e Sturgeon (2005), os quais, juntos, desenvolveram uma pesquisa que busca compreender, de forma ampla, a governança das CGVs.

Por fim, tem-se os pesquisadores que se dedicam à análises do nível de performance dos salários e da produtividade, mediante a estruturação do comércio internacional em âmbito das CGVs. O conhecimento construído a respeito desta temática possui a interligação de outras áreas de conhecimento como a econômica e também das ciências políticas, diferente do que se é encontrado nos trabalhos de Antras e Helpman (2014). Nesse sentido, é possível citar como exemplo de estudiosos Yi (2003); Harms, Lorz e Urban (2012); Grossman e Rossi-Hansberg (2008) e Baldwin e Venables (2013). Estes acadêmicos e pesquisadores se concentraram em entender as mudanças no fluxo de negócios internacionais, mediante a fragmentação da produção, indicando as consequências deste cenário aos diferentes componentes do sistema internacional - comércio, sociedade, política e finanças.

Conforme discorrido, é possível concluir que as CGVs são um tópico possível de ser abordado por diferentes vieses e abordagens teóricas. Por isso, é importante se atentar à possibilidade do nível de análise, o qual, de acordo com o abordado acima, pode ter maior ênfase microeconômica, mas também, se estabelecer sob um olhar macroeconômico de análise.

Logo, é importante, para uma melhor compreensão do funcionamento das cadeias de valor a nível global, executar um estudo em partes, que considere os dois níveis de abordagem, de forma a permitir a determinação e continuidade do foco deste trabalho, que será a compreensão macroeconômica do termo CGVs. Logo, em primeiro momento, é preciso assimilar o sentido do termo sem a influência do vocábulo global, sendo, portanto, uma análise que inclua um número menor de determinantes e processos, incluindo somente o entendimento acerca de uma “Cadeia de Valor”. Dessa forma, a seguir será feita a elucidação deste termo.

### **2.3- O que é uma Cadeia de Valor?**

De acordo com o abordado em Antras e Helpman (2004) o termo cadeia global de valor, conforme exposto acima, é constituído por uma lente microeconômica, relacionada ao

contexto de uma firma. Assim, a terminologia das CGVs concentra-se em todos os aspectos de análise do fluxo produtivo de uma empresa em contexto de dispersão geográfica. Sobretudo, no que se refere às vantagens que tornam essa estrutura possível de ser adotada pelas corporações, como por exemplo, as considerações sobre os custos comparativos de transporte, mão de obra, além de requisitos burocráticos da fragmentação produtiva em escala microeconômica (ANTRAS e HELPMAN, 2004).

À vista disso, uma cadeia de valor é o esquema de agregação de valor que acontece entre cada um dos estágios produtivos, operando de maneira fracionada (MACEDO, 2019). Isto implica dizer que, a construção do valor de um produto finalizado depende das características da cadeia de valor que o confeccionou (MACEDO, 2019). Afinal, à medida que uma fase produtiva é finalizada, a etapa seguinte é embutida com o valor angariado pela anterior, com o adicional oriundo dos fatores de produção - terra, capital e trabalho - utilizados e inseridos pela fase atual (GEREFFI, HUMPHREY e STURGEON, 2005). Esse fluxo refere-se a geração de um custo adicional que será apropriado pelo fase seguinte e, assim, sucessivamente, até a mercadoria ser vendida ao consumidor final (MACEDO, 2019).

Conseqüentemente, os valores adicionais em cada fase, decorrentes da introdução de novos fatores de produção, os quais são introduzidos pelos novos atores/agentes, operantes na cadeia, gera o custo adicional da fase seguinte (ZHANG; SCHIMANSK, 2014). Esse processo de agregação de valor, por meio da introdução de fatores de produção fracionados entre diferentes produtores, pode ocorrer dentro de uma mesma corporação/firma ou entre diferentes organizações (ZHANG; SCHIMANSK, 2014). Além disso, essas organizações não precisam ser, necessariamente, transnacionais, logo, até mesmo os produtores e pequenos empreendimentos podem integrar uma cadeia de valor (OLIVEIRA, 2014). Portanto, quando se trata de localização, uma cadeia de valor pode ser observada em empresas com pólos em um único local, sendo este uma única cidade, um único estado ou um único país ou assumir escala mundial (ZHANG; SCHIMANSK, 2014).

A imagem a seguir tem como intuito representar esse esquema e o fluxo de agregação de valor presente nessa lógica de atuação produtiva em cadeia.

Figura 1 - Cadeia de Valor



Fonte: Adaptado de (POTER, 1985, p 37, apud ZHANG; SCHIMANSK, 2014, p.75)

## 2.4 - A diferença entre Cadeia de Valor e Cadeia de Suprimentos ou *Supply Chain*

A fim de atingir maior concretude acerca da conceituação do termo Cadeia de Valor, faz-se necessário apresentar a conceituação de outro termo relacionado ao fluxo de produção de um bem ou serviço. Trata-se das *Supply Chains* ou Cadeias de Suprimentos - tradução do termo em inglês - não apenas a similaridade da escrita, mas também o emprego desses conceitos, são dois fatores que podem gerar um conflito sobre o significado de ambos, ou até mesmo a confusão da aplicabilidade. Tal semelhança advém do fato da estruturação da produção em cadeias de valor ser uma herança de outro processo industrial, o qual é representado pelo termo *supply chain*. Assim, se faz necessário a definição deste, de maneira inicial, facilitando o prosseguimento da argumentação sobre as CGVs.

Nesse sentido, Thomaz Wood Jr. e Paulo Knorich Zuffo (1999) definem as *supply chains* como uma metodologia de aplicabilidade ao ambiente produtivo industrial, sendo o seu objetivo, sincronizar e alinhar todas as etapas da produção, garantindo a melhor performance e capacidade industrial de uma empresa. Historicamente, a estruturação do ambiente industrial em cadeias de suprimentos surgiu na década de 80 com o intuito de gerenciar o fluxo de mercadorias entre fornecedores e produtores (ZHANG; SCHIMANSK, 2014). Por isso, aqui, o foco está especificamente na produção e logística, assegurando a boa

utilização dos suprimentos e a qualidade dos produtos, reduzindo custos e aumentando a eficiência produtiva (ZHANG; SCHIMANSK, 2014).

Nesse sentido, tal qual as cadeias de valor, as *supply chains* também estão estruturadas entre mais de uma empresa, que interagem entre si com a finalidade de gerar um produto final (FELLER; SHUNK; CALLARMAN, 2006 apud ZHANG; SCHIMANSK, 2014, p.75). Portanto, uma forma interessante de se compreender a diferença entre ambas, de acordo com Zhang e Schimanski (2014), é entender o foco que cada cadeia possui. Assim, enquanto a cadeia de suprimento busca reduzir custos e aumentar a eficiência produtiva. Estabelecendo maior concentração nos processos de confecção e na logística de todos os processos e as suas interligações.

As cadeias de valor, por outro lado, são focadas em estabelecer aspectos que contribuam para o aumento do valor do bem perante o cliente (ZHANG; SCHIMANSK, 2014). Assim, ao longo de todo o processo produtivo as estratégias das CGVs buscam introduzir perspectivas de agregação de valor ao produto final, iniciando desde a fase criativa, passando pela pesquisa, processamento, finalizando no *marketing* de vendas (ZHANG; SCHIMANSK, 2014).

## **Capítulo 3 - Como são estruturadas as Cadeias de Valor a nível Global**

### **3.1 - introdução**

Após executada a conceituação do termo e as diferentes abordagens acadêmicas que podem ser encontradas acerca das CGVs, este capítulo tem como foco explicar a instrução das cadeias de valor globalmente. Logo, será explicada e apresentada a Curva de Valor Adicionado de Stan Shih, buscando elucidar o esquema de geração de valor, enfatizando a importância da localização dos países ao longo da cadeia produtiva, pois, este será o fator que determinará a etapa a ser executada, e conseqüentemente, a possibilidade da geração de valor agregado.

### **3.2 - A Curva de Valor Adicionado ou Curva Sorridente**

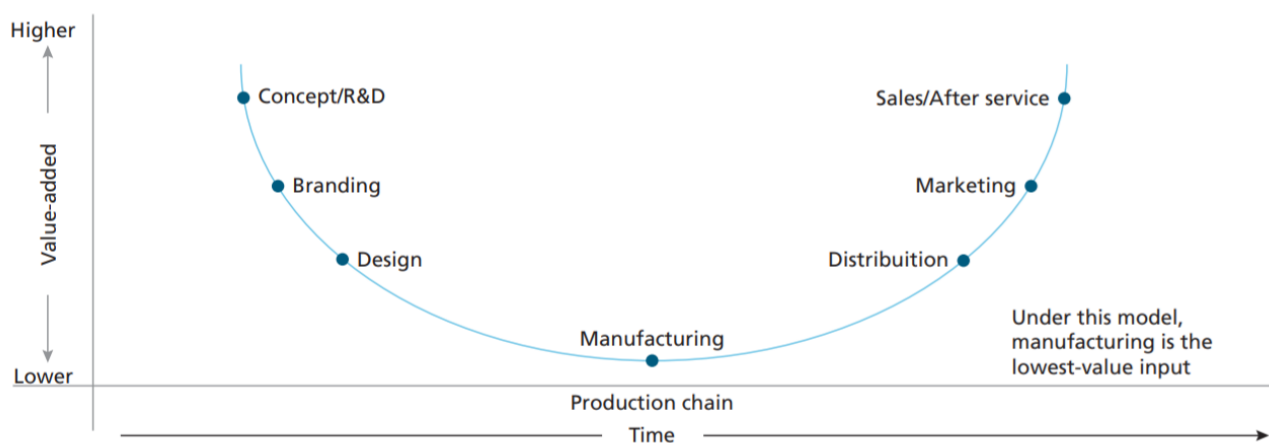
A partir desse aspecto, torna-se possível retomar a análise do termo Cadeia Global de Valor por completo, agora com a lógica que o vocábulo “global” implica ao esquema de comércio internacional. Fato é que houveram acontecimentos nas esferas econômicas,

políticas e sociais em escala mundial, que influenciaram no funcionamento da produção e das trocas mercantis, as quais geraram a necessidade da introdução do global ao conceito e ao funcionamento das cadeias de valor. Tendo em vista que as indústrias passaram a encontrar vantagens na dispersão de sua produtividade geograficamente, tornando o processo fragmentado e com altos níveis de especialização em algumas etapas. Além de estabelecer, ao longo da cadeia, diferentes níveis de agregação de valor, dependendo da etapa em desenvolvimento.

Para se referir a esse esquema, de maneira didática, o co-fundador da empresa de tecnologia Acer, Stan Shih, desenvolveu, em 1992, um modelo representativo, a curva de valor adicionado, ou a “curva sorridente”, como é popularmente conhecida (ZHANG; SCHIMANSK, 2014). A imagem abaixo, portanto, demonstra as diversas etapas de produção de um bem, desde a pesquisa e desenvolvimento, passando pela confecção, até as etapas de *marketing*. Porém, o ponto chave dessa representação está nos diferentes níveis e localização de cada parte do processo produtivo ao longo da curva. Nota-se, portanto, a partir do seu formato que, as indústrias responsáveis pelas etapas localizadas nas extremidades são as que mais se beneficiam com os maiores valores do bem, enquanto as que se acomodam mais ao centro da curva recebem um valor agregado inferior.

A figura abaixo representa a Curva de Valor Adicionado de Stan Shih

Figura 2 - Curva de Valor Adicionado de Stan Shih



Fonte: Adaptado de SHIH ([S.d.], p. 92 apud ZHANG; SCHIMANSK, 2014, p.74).

Os estudiosos Shin, Kraemer e Dedrick (2012), desenvolveram um artigo intitulado de “*Value Capture in the Global Electronics Industry: Empirical Evidence for the "Smiling Curve" Concept*”, nele, há um aprofundamento do modelo de Shih, buscando analisá-lo de forma mais aprofundado. Assim, tem-se que a curva se divide em três partes, sendo elas: (1)



montante ou as entradas; (2) jusante ou as saídas e (3) parte central. Logo, os processos que se inserem na montante e na jusante são os mais valorizados, em termos de valor agregado ao produto (SHIN, KRAEMER, DEDRICK, 2012). Normalmente, as etapas relativas a estas fases estão nas entradas - pesquisa e desenvolvimento de produto -, e nas saídas está tudo que se relaciona à gestão da marca, como marketing, distribuição etc. Por conseguinte, a porção central da curva aglutina os processos com menor capacidade de agregação de valor, ou seja, a manufatura e tudo que se relaciona ao processamento em escala, os quais podem ser automatizados, é o caso da montagem (ZHANG; SCHIMANSK, 2014).

Logo, o funcionamento de uma CGV implica na agregação desigual de valor em cada etapa. Conforme publicado pela *OECD-WTO-World Bank Group Report* os ganhos desse esquema internacional de fragmentação produtiva não é capaz de realizar ganhos automáticos, de forma que, a posição de um país ao longo da cadeia irá influenciar na somatória de lucros finais (MACEDO, 2019 apud YE, MENG e WEI, 2015). É a partir dessa realidade que torna-se possível desenvolver um debate acerca do impacto dessa estrutura de comércio ao desenvolvimento das economias e na distribuição de renda da população, uma vez que, aqueles países que aglutinam maior concentração dos processos nas montantes/entradas ou nas jusantes/saídas, terão maior possibilidade de intensificar a agregação de valor e, portanto, garantir maior geração de valor a nível da sua economia interna (MACEDO, 2019).

Por outro lado, os países localizados na parte central, que são os produtores de matéria prima, ou que se são especializados em manufatura, irão obter menores quantias com o resultado dos trabalhos desenvolvidos, obtendo, assim, possibilidades inferiores aos demais, em termos de obtenção de valores agregados. Isso significa que, as etapas produtivas referentes ao desenvolvimento e pesquisa, *marketing* e vendas são os processos que mais embutem valor dentro da lógica da CGV, ao passo que os restantes não conseguem atingir o mesmo nível. Logo, não é possível afirmar que há uma relação inevitável ou consequente entre as CGVs e a agregação de valor, tendo em vistas que as vantagens comparativas entre os países são desiguais, dependendo do nível e caráter da especialização produtiva que determinada economia possui (ZHANG; SCHIMANSK, 2014).

Esse é um dos fatores mais importantes para a motivação da produção de conhecimento acadêmico e analítico acerca das CGVs. Os estudiosos buscam compreender os efeitos das cadeias globais de valor no processo de desenvolvimento das economias. Assim, tendo em vista que o foco deste artigo é, para além da conceituação do termo CGV, buscar problematizar este esquema de comércio internacional, a seguir, portanto, será elaborado o aprofundamento do tema. Para tanto, buscar-se-á, relacionar, com o intuito de levantar

similaridades entre a fragmentação da produção mundial com outro conceito muito relevante no que se refere aos diferentes níveis de participação e integração dos países perante o comércio internacional. Este conceito é a Divisão Internacional do Trabalho, a qual será abordada em seguida.

## **Capítulo 4 - Relação entre a Divisão Internacional do Trabalho e as Cadeias Globais de Valor**

### **4.1 - Introdução**

Conforme mencionado anteriormente, o foco deste capítulo é - após superada a explicação e conceituação do termo CGV - elaborar uma argumentação acerca dos impactos da estruturação das economias no formato de cadeias globais de valor. Nesse sentido, será feito um exercício comparativo com outro conceito, o de Divisão Internacional do Trabalho, um termo utilizado para se referir às diferentes localizações dos países dentro do mercado internacional, compreendendo a especialização das indústrias de cada nação e os seus impactos para o desenvolvimento interno dos países. O intuito dessa relação, portanto, é atingir insumos suficientes para responder ao questionamento central deste artigo: “As cadeias globais de valor podem ser um elemento que favorece a manutenção da lógica centro periferia?”.

### **4.2 - O Conceito de Divisão Internacional do Trabalho**

É possível afirmar que a estrutura base do comércio internacional presente nos dias atuais foi estabelecida durante o período colonial. Uma vez que a dinâmica determinada entre as metrópoles e as suas respectivas colônias causaram uma relação de dependência dos países localizados na periferia, a qual se mantém em vigência no século XXI. Nesse sentido, nota-se que as relações comerciais que se desenvolveram entre as nações europeias e os países das Américas, deu início à uma prática mercantil fundamentada em uma lógica conhecida pelo termo Divisão Internacional do Trabalho ou DIT (COSENZA, 2015). Esta, trata da dinâmica de separação das etapas e das relações de produção entre os países, tornando-se responsável por gerar a especialização das economias mundiais em nichos produtivos (SANTOS, 1996, p.106 apud PEREIRA, 2010).

Conforme será abordado a frente, essa divisão pode ser entendida como uma estrutura passível de sofrer modificações, de acordo com as mudanças que se apresentam nas relações comerciais entre as economias, como é o caso das revoluções industriais e do crescente processo de globalização (COSENZA, 2015). Como efeito recorrente, tem-se que a DIT, ao longo dos anos e das transformações comerciais mundiais, sofreu modificações, porém, um aspecto da fragmentação da produção que se mantém é o fenômeno da especialização e a dependência ao capital externo, ao longo dos anos, tende a se tornar cada vez mais fixo e intenso.

#### **4.3 - As Transformações da Divisão Internacional do Trabalho ao longo dos séculos**

No que tange à evolução histórica da DIT, determina-se que, até 1970, essa divisão sofreu três importantes mudanças, as quais seguiram as transformações de conjuntura do sistema capitalista. Sendo assim, compreende-se que a primeira fase da DIT é concebida pela lógica imperialista que se relaciona com o capitalismo comercial. Ou seja, dentro do território europeu havia trabalho livre e assalariado oriundo das manufaturas, por outro lado foi o momento da colonização das Américas e o estabelecimento do trabalho escravo nesses territórios. Em termos cronológicos, o período se estende do século XVI ao XVIII (FROEBEL; KREYE, 2009 apud COSENZA, 2015).

A segunda etapa da DIT se desenrolou entre os séculos XVIII e XIX, dando início ao capitalismo industrial, afinal, este período é referente à Primeira e Segunda Revolução Industrial. Por esse motivo, a divisão caracteriza-se pela intensificação do trabalho assalariado nas indústrias, sobretudo, na Inglaterra. Mas também, pela manutenção de relações de trabalho escravo e semi-escravo nas colônias (FROEBEL; KREYE, 2009 apud COSENZA, 2015).

Por fim, a terceira transformação é consequência do processo de globalização no início do século XX, e pelo capitalismo financeiro em ascensão. As características dessa divisão perpassam as fronteiras europeias, de modo que, o trabalho assalariado no velho continente é somado às relações de trabalho similares nos Estados Unidos e Japão nas manufaturas. Ao passo que os países da periferia mantinham relações precárias de trabalho com características escravas para a produção de bens primários (FROEBEL; KREYE, 2009 apud COSENZA, 2015).

Dessa forma, e, de acordo com o já mencionado, a DIT é um fenômeno que reflete as relações, os acontecimentos e as mudanças nos sistemas políticos, econômicos e financeiros mundiais (COSENZA, 2015). Por essa razão, não é possível afirmar que a terceira fase da

DIT tenha sido a última mudança fundamental da divisão. Afinal, justamente em razão da globalização, as relações entre os países passaram a se tornar cada vez mais intensas e interdependentes (KEOHANE, NYE, 1977). De acordo com os teóricos das Relações Internacionais Keohane e Nye (1977), a partir da obra “*Power and Interdependence: World Politics in Transition*”, ambos trouxeram ao debate sobre o sistema internacional o conceito de “interdependência complexa”. Para eles, os atores presentes no tabuleiro da política e do campo econômico são múltiplos.

Assim, além dos Estados-nação, as Organizações Não Governamentais e as empresas transnacionais e internacionais, por exemplo, desempenham um papel relevante nas tomadas de decisão. Por essa razão, acrescida do aumento da velocidade nas comunicações, nos transportes e as mudanças em termos de tecnologia, os múltiplos atores internacionais, ao executarem uma ação, causam interferência, portanto, nas estruturas e nas instituições internacionais, as quais estão, cada vez mais conectadas e interdependentes (KEOHANE, NYE, 1977).

Nesse sentido, a interdependência complexa, reflete a intensificação das tomadas de decisão, considerando que, ações tomadas por um grupo, seja ele de países, ou de empresas, ou a combinação de ambos, pode refletir globalmente. Logo, a divisão internacional do trabalho esteve constantemente sendo influenciada por essa dinâmica integrada e interdependente do sistema internacional (COSENZA, 2015).

Similarmente, é possível definir o desenvolvimento da estruturação de algumas dinâmicas comerciais, como reflexo dessa interação cada vez mais intensa entre os *players* mundiais. A exemplo, é possível citar a dispersão dos pólos empresariais e de suas respectivas indústrias entre diferentes países, gerando assim, o esquema de cadeias globais de valor. Essa lógica, portanto, estabelece consequências diretas na maneira na qual a DIT se caracteriza.

Se na terceira fase, os processos industriais estavam mais intensos, junto com o trabalho assalariado, com o advento da globalização, potencializando as relações de interdependência entre os atores. Já no século XXI, a DIT é esboçada, segundo Froebel e Kreye (2015) por dois pontos essenciais: o primeiro, como já mencionado, é a fragmentação da produção, e conforme argumentado ao longo deste artigo, os autores estão se referindo ao fenômeno das CGVs.

O segundo, finalmente, relaciona-se a mudança de paradigma, mudando o cenário que se estabeleceu desde o século XVI, trata-se da presença de mais polos manufatureiros para além do eixo norte - EUA e Europa -, de modo que os países da periferia, especializados na produção de bens primários, passam a possuir pólos industriais em seus territórios, afinal, a

produção mundial tende a ser fragmentada e compartilhada, seguindo a lógica da Curva de Valor de Stan Shih.

Em suma, compreende-se que, embora tenham ocorrido mudanças consideráveis na maneira pela qual a DIT se caracteriza ao longo dos anos, Cosenza (2015) explica que a DIT não rompeu com o padrão histórico, herdado do período colonial. Afinal, os países periféricos permanecem dependentes das nações do norte global (FROEBEL, KREYE, 2009 apud COSENZA, 2015). Desse modo, as cadeias globais de valor - sendo elas um elemento que caracteriza a versão atual da DIT -, embora sejam consideradas um fenômeno novo ao sistema econômico internacional, com base no abordado, compreende-se que, o alicerce desta estrutura de comércio fez-se presente desde a era do capitalismo comercial, durante o imperialismo europeu. Por outro lado, é latente o aprofundamento de tal dependência e especialização das economias.

Logo, compreender a linha do tempo da DIT e a influência dos acontecimentos externos a ela, é também uma forma de analisar o desenvolvimento das CGVs. Assim, é possível apresentar em que momento, a divisão do trabalho, a nível global obteve como consequência a mudança no formato de operação da indústria para a lógica das cadeias globais de valor. Por essa razão, a seguir será abordado o tópico final do capítulo 3, o qual apresentará a lógica liberalizante adotada pelos governos de alguns países, sendo fundamental para a dispersão das CGVs e a maior aderência de economias à esta estrutura de mercado.

#### **4.4 - O Impacto da Liberalização Comercial no Desenvolvimento das CGVs**

De acordo com o discutido neste capítulo, foi determinado que, as transformações tecnológicas, a globalização e, a lógica das relações entre os atores do sistema internacional estabelecida de forma interdependente e complexa, foram fatores que contribuíram para a mudança de perspectiva da DIT, e, automaticamente para o desenvolvimento mais intenso das CGVs. No entanto, apesar de serem fatores cruciais para a geração de tal mudança, não é possível definir apenas estes como os causadores da transformação da divisão internacional do trabalho ao formato de cadeias globais de valor. Assim, é importante frisar a interferência que, somente as políticas liberalizantes, com ações cada vez menos protecionistas, foram capazes de causar a estruturação da economia mundial.

Fato é que, até mesmo a globalização em âmbito comercial e financeiro só pode existir em função de ações de cunho liberal, que facilitaram as trocas comerciais e as relações entre os países, intensificando a comunicação e a cooperação em áreas de comum acordo de

comércio. Assim, nota-se que, a interdependência entre as nações também sofreu influência das ações de cunho liberal.

Quais foram as medidas adotadas pela liberalização comercial? Oliveira (2014) destaca que, a redução das barreiras tarifárias e não tarifárias tanto pelos países, como pelos organismos multilaterais, foi fundamental para a dispersão das cadeias produtivas a nível mundial. Ou seja, em busca de melhores condições e vantagens comparativas, as indústrias passaram a se movimentar e se estabelecer nos países que oferecessem melhores condições de permanência e facilitação da produção e venda (OLIVEIRA, 2014).

Assim, uma vez que a produção mundial é fragmentada e compartilhada entre as nações, Oliveira (2014) alerta que a facilitação das importações de insumos é tão relevante quanto às exportações dos bens finais. Isto se dá em razão da conectividade e pela relação de interdependência que a lógica das CGVs requer. Por isso, uma das ações importantes da liberalização comercial são os acordos preferenciais de comércio, os quais visam diminuir ou abolir as barreiras comerciais, formalizando, assim, as “redes globais de produção” (OLIVEIRA, 2014, p.82).

Outro fator relevante para as CGVs são as tarifas, conforme argumentam Zhang e Schimanski (2014), o fluxo dos insumos e das mercadorias é constante dentro da cadeia, uma vez que, antes de atingir o consumidor final, os insumos e as componentes dos produtos transpassam as fronteiras por diversas vezes. Considerando a aplicação de barreiras tarifárias às importações, a dinâmica pode ficar inviável a depender do valor das imposições. Por esse motivo, para que uma economia consiga se destacar dentro de uma CGV é imprescindível que a sua política comercial esteja alinhada com esse propósito, possuindo mecanismos liberalizantes em maior quantidade, ao passo que as imposições protecionistas sejam reduzidas (OLIVEIRA, 2014).

Além disso, outro fator relevante para o bom desempenho de um país nessa lógica de mercado é o ambiente de negócio que a economia tem a oferecer. Considerando, a busca das empresas por melhores condições comerciais e vantagens comparativas, é necessário que as políticas comerciais se alinhem, de modo a garantir bons indicadores internos, como a obtenção de crédito, boa infraestrutura, facilidade burocrática, pagamentos de impostos, comércio entre fronteiras, entre outros (ZHANG; SCHIMANSK, 2014). Diante disso, os autores Zhang e Schimanski (2014) afirmam que:

...é possível concluir que nenhum fator isolado desempenha um papel determinante na promoção da participação das empresas de um país nas CGVs. Ao invés disso, a participação efetiva nesse contexto requer um conjunto de políticas e medidas

integradas as quais criem um efeito sinérgico a fim de que um país se torne atraente para as atividades globais (ZHANG; SCHIMANSK, 2014, p.90).

Ressalta-se que, embora as políticas liberalizantes favoreçam o desenvolvimento das cadeias globais de valor e a dispersão da produção mundial, é necessário analisar os impactos que essas ações causam em termos de desenvolvimentos dos países que compõem essa estrutura e a participação das economias em desenvolvimento no âmbito das CGVs. Uma análise que abarque os argumentos favoráveis aos incentivos de flexibilização das relações comerciais entre os países é tão importante para este artigo como os debates contrários às políticas comerciais liberalizantes. Por essa razão, o capítulo seguinte irá abordar o referencial teórico, a fim de fornecer o conhecimento necessário para determinar os impactos das CGVs para a lógica centro-periferia que ainda representa o cenário da economia mundial.

## **Capítulo 5 - Argumentação Teórica**

### **5.1 - Introdução**

Este capítulo tem como intuito fornecer os insumos necessários para o desenvolvimento da argumentação final do artigo. A intenção portanto é apresentar os argumentos favoráveis e os desfavoráveis às cadeias globais de valor. É importante ressaltar que o referencial utilizado como comparativo desta determinação é a influência das CGVs no desenvolvimento dos países, avaliando se, a participação das economias da periferia nesta forma de mercado internacional facilita ou dificulta a superação da dependência histórica ao capital externo que esses países possuem.

### **5.2 - Argumentação**

De acordo com a doutrina clássica do comércio, o processo de especialização produtiva é um fator benéfico às economias no que tange às vantagens comparativas como as absolutas. Nesse sentido, o comércio exterior baseado na divisão internacional do trabalho configura-se como a estrutura necessária, dentro desta teorização, para que a economia mundial alcance maiores níveis de desenvolvimento, produtividade e geração de valor (ALBUQUERQUE, 1987).

Por essa razão, muitos teóricos tecem argumentos diversos acerca dos efeitos desse processo, alguns argumentam a favor da DIT, sendo ela o fator chave do aumento da

produtividade mundial, especialmente a partir da intensificação da globalização e eclosão da lógica das CGVs. Por outro lado, há estudiosos que afirmam que, o fato de existirem países em diferentes níveis de desenvolvimento se relacionando economicamente, dentro de uma lógica de agregação de valor em cadeia especializada de produção, configura-se como um obstáculo para a mudança no estágio econômico das nações. Sendo este um fator de impedimento para que os países da periferia superem a dependência que possuem das nações centrais.

A argumentação e defesa do posicionamento liberal a respeito da integração econômica às CGVs, vai além do fato de haver a necessidade de acesso a mercados que supram a oferta das mercadorias finais exportadas. O liberalismo, portanto, tem como base a tese de que, a partir do momento que um país se insere em uma rede de comércio internacional globalizada e fragmentada, torna-se necessário e indubitável que, internamente, essa economia exerça a liberalização de todas as frentes de seu comércio. Isso implica dizer que, o fato das cadeias produtivas estarem dispersas geograficamente e, de forma cada vez mais especializada, a dependência pelo consumo de produtos produzidos fora, é uma necessidade recorrente.

Além disso, é importante considerar as ações de política interna de cada nação, ou seja, de que forma cada economia atua em vias de proteger a sua saúde econômica. Portanto, conforme defende Oliveira (2014), para que a lógica das CGVs seja eficiente e, considerando o fato exposto acima, referente a constante busca por importações para conclusão das etapas produtivas internas, os fluxos livres de capitais e investimento interno, precisam acontecer de maneira menos truncada, de forma a alcançar um estágio o mais livre possível (OLIVEIRA, 2014).

Por outro lado, a tese que utiliza uma visão mais desenvolvimentista, possui uma abordagem que concebe nas CGVs como uma forma alternativa de os países atingirem o desenvolvimento interno, sem a aplicação de políticas econômicas que, tem como molde principal, a substituição das importações. Assim, de forma otimista, essa vertente entende que, é mais provável o alcance de vantagens competitivas, mediante as exportações de um bem, a partir das CGVs. Isso quer dizer que, o fato de um país se especializar em determinadas etapas produtivas, e o seu empenho em desenvolver processos específicos, exclui a necessidade das economias de investirem em parques industriais complexos que garantam a confecção por completo de uma mercadoria até o seu estágio final.

Em suma, a estrutura material que caracteriza-se pelo fluxo de atividades produtivas dispersas geograficamente a nível internacional, revela um complexo esquema de atuação em



rede que supera as relações de produção. A essa realidade, se refere à integração de outras áreas, como um complexo sistema de finanças, os sistemas de governança, tendo em vista a quantidade de atores variados que atuam nessa estrutura - empresas transnacionais, governos, micro empresas, produtores, bancos, entre outros -. Além disso, destaca-se como outro componente das cadeias globais de valor às iniciativas protecionistas dos estados, ainda que atuando sob uma lógica liberalizante de comércio, a essas ações, pode-se identificar a sua literalidade diante da aplicação de mecanismos reguladores e tarifários (OLIVEIRA, 2014).

## **Capítulo 6 - Conclusão**

Considerando as argumentações estabelecidas ao longo deste artigo, é possível determinar que, a estruturação da economia internacional sob a lógica das Cadeias Globais de Valor, embora signifique uma alteração na estruturação do comércio internacional, esta não pode ser concebida como um fator de alteração estrutural dos mecanismos e na ordenação do comércio entre os países do eixo Norte e os da periferia.

Nesse sentido, a complexidade que está entremeadada às CGVs revelam uma problemática protagonizada, sobretudo, pelos países em desenvolvimento. Trata-se das desigualdades de produção, uma realidade presente nas assimetrias produtivas. Conforme proposto por Samir Amin apud Cosenza (2015) esse fato é uma constante que está largamente espalhada, até mesmo entre as economias mais desenvolvidas, afinal o progresso não é um fenômeno que pode ser compartilhado de maneira igualitária e concomitante (COSENZA, 2015).

Ademais, o fato das economias da periferia terem sido constituídas com base na lógica imperialista, gerando, desde o início de sua formação econômica, a dependência por atores externos, faz com que esses países tornem sensíveis aos fenômenos que impulsionam à especialização econômica, como é o caso das CGVs. Isso indica que, a ausência de mecanismos históricos capazes de gerar as condições necessárias para a superação da condição de dependente desses países, torna cada vez mais difícil a superação da estrutura centro-periferia.

Portanto, a velocidade das interações e a complexidade do ambiente de negócio, em um contexto de fragmentação produtiva, devem ser concebidos como obstáculos para a superação do processo de transformação econômica dos países em desenvolvimento. Enquanto houver assimetrias profundas entre as economias mundiais, as transformações e novidades no cenário comercial internacional, muito provavelmente irá representar uma

barreira para a superação do sistema de dependência que vem se consolidando desde o século XVI.

## Bibliografia

ANTREAS, P.; HELPMAN, E. **Global Sourcing. Journal of Political Economy.** University of Chicago Press, 2004.

COSENZA, Apoena.C. **Um estudo sobre a Divisão Internacional do Trabalho.** Revista de Economia Política e História Econômica, 2015.

GEREFFI, G.; HUMPHREY, J.; STURGEON, T. **The governance of global value chains.** Review of International Political Economy, 2005.

KEOHANE, Robert.; NYE, Joseph. **Power and Interdependence: World Politics in Transition.**, 1977.

MACEDO, da Silva Rafael. **A Agropecuária Brasileira e a Cadeia Global de Valor : uma análise utilizando matriz insumo-produto.** Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2019.

OECD – ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT;  
WTO – WORLD TRADE ORGANIZATION. **Aid for trade at a glance: connecting to value chains**, 2013.

OLIVEIRA, Susan.M.C.E. Cesar de Oliveira. **Cadeias globais de valor e os novos padrões de comércio internacional: uma análise comparada das estratégias de inserção de Brasil e Canadá.** Universidade de Brasília, 2014.

Pereira, Mirlei F. V. **A Inserção Subordinada do Brasil na Divisão Internacional do Trabalho: Consequências Territoriais e Perspectivas em Tempos de Globalização.** Universidade Federal de Uberlândia Instituto de Geografia, 2010

SHIN, Namchul.; KRAEMER, L. Kenneth.; DEDRICK, Jason. **Value Capture in the Global Electronics Industry: Empirical Evidence for the "Smiling Curve" Concept.** Industry and Innovation, 2012.

ZHANG, Liping. SCHIMANSKI, Silvana. **Cadeias Globais de Valor e os países em desenvolvimento.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2014.